ARREPENDIMENTO: MUDANÇA CONTÍNUA

Introdução

A palavra **arrependimento** no Novo Testamento significa uma mudança radical de mente e coração, que conduz a uma mudança completa de vida. As ideias, valores, metas, costumes são alterados e toda a vida é vivida de modo diferente. A mudança é radical, tanto interior como exteriormente: ânimo e opinião, vontade e afetos, conduta e estilo de vida, motivos e propósitos são todos envolvidos. Arrependimento significa começo de uma nova vida.

O chamado ao arrependimento era a primeira mensagem na pregação de João Batista (Mt 3.2), de Jesus (Mt 4.17), dos Doze (Mc 6.12), de Pedro no Pentecostes (At 2.38), de Paulo aos gentios (At 17.30; 26.20) e do Cristo glorificado a cinco das sete igrejas da Ásia (Ap 2.5,16,22; 3.3, 19). Ele faz parte do resumo feito por Jesus do evangelho que deveria ser levado ao mundo (Lc 24.47). Ele corresponde a constantes apelos dos profetas do Antigo Testamento a Israel para que se voltasse para Deus, de quem se desviara (Jr 23.22; 25.4,5; Zc 1.3-6).

Martinho Lutero disse em suas Noventa e Cinco Teses que toda a vida cristã deve ser marcada pelo arrependimento. Igualmente, João Calvino vê o arrependimento como um processo que dura a vida inteira. Ele diz que o arrependimento não é o ponto de partida da vida cristã; ele é a vida cristã. Ele envolve confissão de pecado e também o crescimento em santidade. O arrependimento é a resposta que o crente dá, ao longo da vida, ao evangelho no viver externo: mente, coração, atitude e vontade. Calvino não limita o arrependimento a uma graça interior, mas o vê como o redirecionamento de todo o ser do homem à retidão.

1. Arrependimento não é remorso

Judas é um exemplo clássico de alguém que se entristeceu profundamente com a sua atitude. Ele estava consciente do seu pecado, por isso devolveu as 30 moedas de prata e foi se enforcar (Mt 27.3-5). Outro exemplo que temos é o de Esaú que em lágrimas reconheceu o seu erro, mas não alcançou o verdadeiro arrependimento (Hb 12.16,17). Apesar de serem tão comoventes, esses dois relatos bíblicos não são considerados como exemplos de arrependimentos. Porque a tristeza que sentiram foi por aquilo que eles perderam ou pelas consequências dos seus atos e não propriamente pela consciência do pecado que desagrada e ofende a Deus. No Novo Testamento somos advertidos quanto a algumas pessoas que demonstrariam apenas uma aparente conversão. A parábola do semeador fala da semente que caiu em solo rochoso e germinou, mas teve pouca duração (Mt 13.21). Essas pessoas são as mesmas mencionadas em Hebreus que, mesmo participando das bênçãos dispensadas pelo Espírito Santo à sua igreja, não produzem frutos, mas somente espinhos (Hb 6.4-8). Quanto a estes, o apóstolo João, afirma que o abandono da fé, por parte deles, só evidencia que nunca foram salvos (1 Jo 2.19). Essa realidade de abandono também fez parte do ministério de Jesus Cristo (Mt 19.22; Jo 6.66) e do apóstolo Paulo (1 Tm 1.19,20; 2 Tm 2.17,18; 4.10).

2. Como o arrependimento é produzido

a) Pela graça de Deus

Jesus Cristo disse ser a videira e nós os ramos, e que sem ele nada poderíamos fazer (Jo 15.5). O arrependimento é fruto da operação do Espírito Santo no coração (Jo 16.8-11), logo é uma graça do próprio Deus (Ef 2.8,9). Essa bênção já havia sido anunciada no Antigo Testamento (Jr 31.18; Ez 11.19; 36.26; Zc 12.10), e é cumprida com precisão no Novo Testamento (At 5.31; 11.18; 2 Co 7.10; 2 Tm 2.25). Pelo fato de essa graça ser uma bênção destinada exclusivamente aos eleitos do Senhor (Jo 6.44; 10.1-4,14-16) ela não pode ser falsificada, sendo que é o próprio Deus quem conduz e concede o arrependimento, e somente ele conhece aqueles que lhe pertencem (2 Tm 2.19). Um excelente exemplo dessa graça que contrasta com aqueles que abandonam a fé é o ladrão na cruz que se arrependeu no momento final (Lc 23.40-43).

b) Por meio da pregação

Está escrito na Bíblia Sagrada que “a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10.17). Porém, que mensagem deve estar presente na pregação do evangelho para que a fé seja produzida? Um bom indicador é observarmos a forma como Cristo Jesus pregava. Temos registrado que Jesus partiu para a Galileia, *“pregando o evangelho de Deus, dizendo: o tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho”* (Mc 1.14,15). Mesmo após a

ressurreição, quando expunha as Escritura aos seus apóstolos, Jesus enfatizava que um dos pontos centrais de toda a profecia era "que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém" (Lc 24.47). Essa ordem, obedecida pelos apóstolos, nos faz perceber como realmente ela direcionou o ministério dos discípulos de Jesus. O apóstolo Paulo enfatiza de uma maneira bem clara como a chamada ao arrependimento era central na sua pregação (At 20.20,21). Porém, a pergunta a ser feita é: Por que a pregação é o meio pela qual o arrependimento é produzido?

- **Porque a pregação expõe o homem à lei de Deus**

Um dos objetivos da pregação do evangelho é expor o homem diante da lei de Deus e assim convencê-lo do seu pecado e da sua total miséria espiritual (Rm 3.20; 7.7). Somente diante do padrão moral estabelecido pelo próprio Deus, que é a sua lei, poderemos fazer uma autoavaliação e perceber quão distantes estamos dele e, consequentemente, debaixo da sua ira e condenação (Rm 1.18).

- **Porque a pregação expõe o homem à santidade de Deus**

Outro objetivo da pregação, além de expor o homem à lei de Deus e assim convencê-lo da sua miséria espiritual, é também confrontá-lo com a santidade do Senhor. A sua convicção de pecado será proporcional a sua convicção da santidade de Deus. Somente contemplando o ser de Deus é que faremos uma avaliação mais precisa a respeito da nossa própria situação. Percebemos essa verdade exposta em diversas passagens bíblicas: o povo de Israel na planície do Sinai (Êx 20.18-21); Moisés (Êx 33.17-23; 34.4-8); Manoá, pai de Sansão (Jz 13.21,22); Jó (Jó 42.5,6); Isaías (Is 6.5); Ezequiel (Ez 1.26-28); Daniel (Dn 8.26-27; 10.8-9); os discípulos diante da transfiguração de Jesus (Mt 17.5-7); Pedro (Lc 5.8); Saulo (At 9.3-6) e João (Ap 1.17-18). Todos esses são exemplos de pessoas que por um momento foram expostas com mais intensidade à glória e à santidade de Deus. A partir então, de um referencial divino, elas olharam para si mesmas e, constrangidas pela infinita distância em que se encontravam do verdadeiro padrão de santidade, reconheceram o seu pecado.

c) Quando o regenerado manifesta

- **Tristeza pelos seus pecados**

O arrependimento não é remorso e não pode ser medido pela quantidade de lágrimas derramadas. Contudo, temos evidências mais que suficientes de que o arrependimento produz em nós profunda tristeza por causa dos nossos pecados. Sentimo-nos envergonhados diante de Deus e repudiamos a nossa própria maneira pecaminosa de agir (Sl 51.4,5,9; 119.128,136; Is 30.22; Jr 31.18,19; Ez 18.30,31; 36.31; Jl 2.12,13; Am 5.15; Rm 12.9; 2 Co 7.10; Jd 23).

- **Frutos do arrependimento**

A maior manifestação de um coração arrependido não é tanto a quantidade de suas palavras ou a sua comoção espiritual. A maior manifestação do arrependimento é o fruto que ele produz (Mt 3.8). São os frutos que testificam a nossa comunhão com Deus e o nosso desejo de servi-lo (2 Rs 23.25; Sl 119.6,59, 106; Lc 1.6; At 26.16-20).

3. Características do arrependimento

a) Possui um aspecto intelectual

Como já mencionamos anteriormente, o arrependimento é a compreensão da nossa situação espiritual quando somos expostos diante da lei de Deus e da sua santidade, com isso entendemos as verdades de Deus cremos nas suas promessas de perdão e restauração. Pela ação do Espírito Santo, o evangelho passa a fazer sentido para nós e então compreendemos o propósito do Senhor para a nossa Salvação.

Primeiro, tem que haver um conhecimento do pecado. A Bíblia diz: *"Todos pecaram e carecem da glória de Deus*" (Rm 3.23). Quando Isaías compenetrou-se de seus pecados disse: *"Aí de mim... porque sou um homem de lábios impuros"* (Is 6.5). Quando Jó se convenceu de que era pecador disse: *"Por isso me abomino"* (Jó 42.6). Quando Pedro teve consciências de seus pecados, disse: *"Sou um pecador"* (Lc 5.8). Quando o apóstolo Paulo se convenceu de seus pecados, chamou a si mesmo de principal dos pecadores (1 Tm 1.15).

É o Espírito Santo que gera esta convicção. Na realidade, o arrependimento não pode ter lugar senão houve primeiro um movimento do Espírito Santo no coração e na mente.

b) Possui um aspecto emocional

Contudo, mesmo possuindo um componente racional, o arrependimento toca o homem por inteiro.

Ele se entristece por causa do seu pecado, sente vergonha de si mesmo e se humilha diante de Deus. Por isso, dizemos que o arrependimento possui também um aspecto emocional.

Em segundo lugar, as emoções também são postas em jogo pelo arrependimento, como em todas as experiências genuínas. Paulo diz que a tristeza, segundo Deus, *"opera arrependimento para a salvação"* (2 Co 7.10). Há muitos perigos no falso emocionalismo produzido para efeitos próprios, mas isso não exclui a verdadeira emoção nem a profundidade do sentimento.

c) Possui um aspecto volitivo

Em terceiro lugar, o arrependimento põe em jogo a vontade. É só quando chegamos à vontade que deparamos com o próprio amago do arrependimento. Tem de haver a decisão de abandonar o pecado, de mudar as nossas atitudes para com nós mesmos, para com o pecado e para com Deus; de modificar os nossos sentimentos, de modificar a nossa vontade, disposição e propósitos (Pv 28.13).

d) É uma evidência e não a base da salvação

É muito importante observarmos que o nosso arrependimento não é a causa e a base de nossa salvação. Ao contrário, ele é uma evidência e uma exigência para a nossa salvação (Lc 13.3,5; At 17.30,31). Porém, a salvação é um ato da libre graça e amor de Deus (Ez 16.61-63; 36.31,32; Os 14.2,4; Rm 3.24; Ef 1.7). Nada há que façamos que nos torne merecedores da salvação, nem mesmo o nosso arrependimento.

e) Deve continuar durante toda a vida

Não existe pecado tão pequeno que não mereça condenação (Mt 12.36; Rm 5.12; 6.23; Tg 2.10), porém, não há um pecado tão grande que traga condenação sobre aqueles que verdadeiramente se arrependem (Is 1.18; 55.7; Rm 8.1). Dessa verdade, aprendemos que não há sequer um pecado do qual não devemos nos entristecer e então confessá-lo (Sl 19.13; Lc 19.8; 1 Tm 1.13,15) ao Senhor. Porém, temos a segurança de que em todos os momentos podemos, humildemente, buscar a Deus, descansando em sua graça, perdão e amor obtidos pela mediação e sacrifício de Cristo Jesus (Sl 32.5,6; 51.4,5,7,9,10; Pv 28.13; 1 Jo 1.9-2.2). Da mesma forma, se pecarmos contra o nosso irmão ou contra a Igreja de Cristo devemos, pessoal ou publicamente, pedir perdão e confessar o nosso pecado (Tg 5.16). Caso sejamos procurados por um irmão que peça o nosso perdão, devemos perdoá-lo, assim como fomos perdoados (Mq 7.18,19; Mt 6.12; Lc 17.3,4; 2 Co 2.7,8; Gl 6.1,2).

Conclusão

O arrependimento não é só uma exigência para dar início à vida cristã. Ele é uma atitude diária que deve ser cultivada por todos os cristãos. É uma manutenção contínua da saúde espiritual. Um crente que não desenvolve a prática do arrependimento diário, fatalmente acumulará manchas em sua vida que se tornarão mais difíceis de ser removidas. Da mesma forma que um trabalho de manutenção é preferível a um trabalho de correção, o arrependimento constante pelas faltas praticadas será muito mais eficaz que atitudes drásticas que devem ser tomadas ao se tentar corrigir um pecado já enraizado há muito tempo.

Aplicação

Tenho a prática constante de me autoavaliar, confessando os meus pecados diante de Deus? Sinto-me arrependido pelos pecados que cometo? Tenho uma profunda consciência de que esses pecados ofendem a Deus e a sua santidade? Como posso desenvolver uma vida diária de arrependimento e confissão?

Estudo bíblico ministrado pelo Rev. Paulo Gérson Uliano, dia 02/09/2018, na Primeira Igreja Presbiteriana de Indaiatuba